

★ FOTOGRAFAR TEATRO

João Caldas

Formou-se em Engenharia na Faculdade Armando Álvares Penteado e em Cinema na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A partir de 1981, começou a fotografar espetáculos descobrindo, então, sua verdadeira vocação. O encanto que sente pelo mistério teatral e pela dança fez dele um dos mais conceituados fotógrafos das artes cênicas.

Se eu pudesse contar uma história com palavras, não precisaria carregar uma câmara.¹

Lewis Hine

Ao me telefonarem solicitando um artigo para a revista *Olhares*, fiquei lisonjeado e ao mesmo tempo em pânico. A escrita não é minha forma de expressão preferida, mas aceitei o desafio, principalmente por ser uma ocasião de dividir uma prática de tanto tempo com jovens de hoje que, daqui para frente, espero encontrar interessados em fotografar espetáculos, em seus diferentes momentos, da concepção, leitura do texto, ensaios até o espetáculo pronto, em cartaz.

Fotografei para a *Folha de S.Paulo* de 1985 a 1987. Em 1981, comecei a fotografar teatro. Quais seriam as diferenças? No trabalho jornalístico o assunto é imprevisível, móvel. Cabe ao fotógrafo persegui-lo. No teatro, a ação concentra-se em um palco, em um espaço definido, limitado pelas três paredes (se bem que agora ele sai às ruas, aproxi-

mando-se de minhas primeiras experiências em jornal). Mas no espaço fechado, diríamos que, para o fotógrafo, a “ação é estática” ou mesmo que o “estático se movimenta”.

Teatro, encontro familiar

Minha entrada para o teatro, como fotógrafo não foi difícil. Direi até que foi simples. Em 1981, meu irmão Renato Caldas, que é ator, chamou-me para fotografar um espetáculo muito especial do qual fazia parte: *Clara Crocodilo*, um projeto de Lala Deheinzelin. A princípio não tive noção da importância que esse primeiro trabalho teria em minha carreira, mas intuitivamente absorvi toda aquela vivência com encantamento. Fotografei desde o início do processo: os primeiros encontros, os ensaios, as aulas de corpo dadas por Klauss Vianna e as aulas de interpretação de Myriam Muniz. Fiz as fotos para o programa, para o cartaz e documentei as entrevistas. Estive com o elenco em Campos do Jordão durante uma semana de concentração no auditório Cláudio Santoro, quando toda a equipe chegou até a dormir no palco, ou seja, vivência integral junto ao elenco, direção e demais criadores. A partir desse espetáculo – que considero o marco zero em minha carreira – nunca mais deixei de frequentar todos os tipos de espetáculo. *Clara Crocodilo* resultou em novecentas fotos, quase trinta rolos de filme preto e branco, todos revelados por mim.

Ensaio de *Clara Crocodilo*.
Direção de Lala
Deheinzelin, 1981.
Todas as fotos do artigo:
João Caldas.



¹ In: SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, s 0 p. 201.

Na estreia, no Teatro Maria Della Costa, fizemos uma exposição de fotos, mostrando as várias etapas do processo de trabalho. E, a partir daí, senti-me um fotógrafo de verdade, um profissional, um fotógrafo de teatro. E foi na fotografia de palco que encontrei o grande prazer de fotografar.

Fotografia documental

A mostra desse trabalho no saguão do Teatro proporcionou-me o contato com a Equipe de Pesquisas de Artes Cênicas, da Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo – CCSP. Cabia a essa equipe selecionar espetáculos – bons, maus ou curiosos – que revelassem características das diversas temporadas teatrais em curso na cidade. A documentação proposta pela direção dividia-se entre teatro e dança. O trabalho se desenvolvia da seguinte forma: a equipe selecionava os espetáculos e, a seguir, eu assistia a eles, antes de fotografar e, orientado pelos pesquisadores, que assistiam e escolhiam quais espetáculos seriam documentados, fixava-me em momentos prioritários, procurando uma visão sequencial, que possibilitasse mais tarde aos consulentes do Arquivo Multimeios do CCSP ter uma ideia do que foi aquela montagem. Fazíamos o registro em duas etapas, no primeiro dia, fotografava em cores, com cromo 35mm, registrando cenários, figurinos e luz, em imagens mais abertas. No segundo dia, fotografava em PxB – preto e branco –, registrando a interpretação e cenas em detalhes, com fotos mais fechadas. Do registro eram selecionados vinte slides e de oitenta a cem negativos (com seus respectivos contatos). Escolhia dez imagens para serem ampliadas, no tamanho 18x24, em PxB. Todo o processamento, revelação de contatos e ampliações era feito pelo próprio fotógrafo e com muito cuidado quanto ao tratamento químico, visando a permanência de contatos e fotos no Arquivo. Após uma identificação detalhada, feita pela equipe dos pesquisadores, esse material era encaminhado ao Arquivo Multimeios para tombamento.

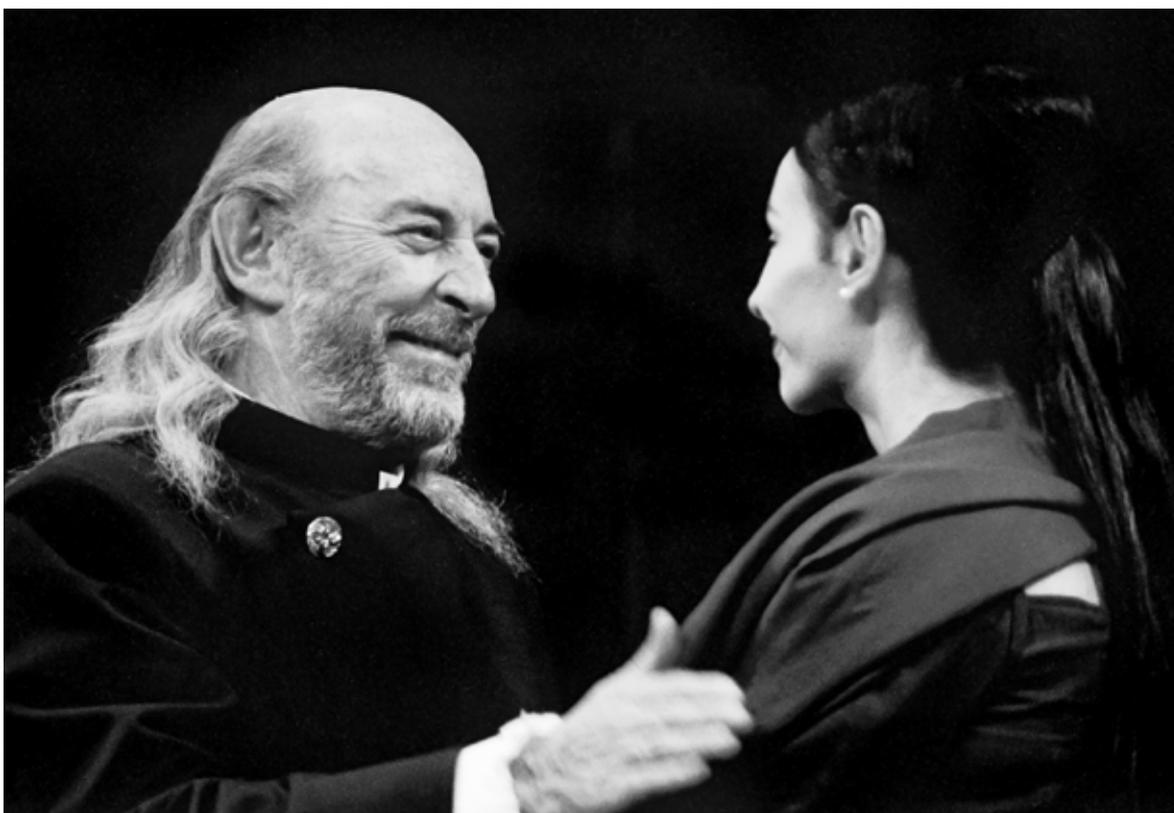
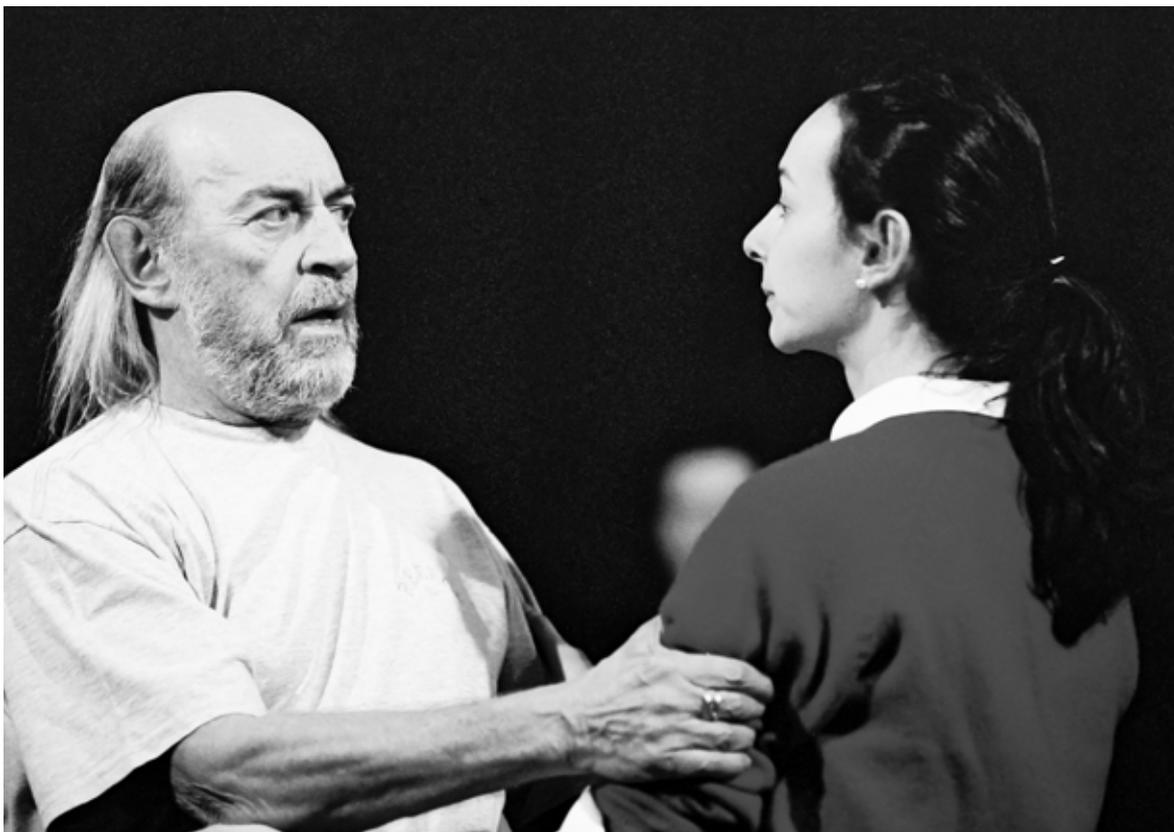
Essa prática frequente, no início de minha vida de fotógrafo de teatro e dança foi marcante e definitiva para formar meu jeito de ver, refletir e fotografar espetáculos.

Alguns fotógrafos tornaram-se referência para meu trabalho: o primeiro, sem dúvida, foi Fredi Kleemann. Depois, Djalma Limongi Batista, Tereza Pinheiro, Ruth Amorim Toledo, Emidio Luisi, Gal Oppido, Gerson Zanini, entre outros.

O pessoal de teatro vê, no meu olhar de cena, alguém que está dentro do teatro. É um ótimo retorno. Não me recordo de ter tido essa sensação (de ser uma pessoa de teatro) quando comecei a penetrar nos bastidores e coxias, junto com meu irmão ator. Hoje, refletindo sobre isso, acho que deve ter sido uma vontade que eu tinha de pertencer àquele grupo. Com minha timidez na época, com meu temor de subir ao palco, que ainda persiste, fui encontrar na fotografia a forma de ter acesso a essa turma fantástica, maravilhosa, sedutora e empolgante. A fotografia me colocou, de alguma forma, dentro do teatro, fora do palco, mas dentro do teatro.

Essa identificação traduz-se nas imagens que tenho feito. Claro que como em toda profissão e, no caso do fotógrafo, uma profissão sensível e técnica, temos nossos dias mais inspirados e outros nem tanto, mas sempre que volto ao estúdio, depois de fotografar um bom espetáculo e vejo, depois de editar, que consegui um bom registro, tenho a mesma sensação que um ator ou atriz devem ter quando recebem os aplausos de uma plateia satisfeita. A diferença é que estou sozinho, ou melhor, com as minhas imagens.

É indispensável que o fotógrafo conheça o assunto que registra. Menciono novamente Fredi Kleemann (1927-1974). Contratado como ator e ao mesmo tempo fotógrafo do Teatro Brasileiro de Comédia – TBC e Cacilda Becker – TCB, seu convívio diário com atores nos ensaios e nos espetáculos fizeram-no ter um profundo conhecimento, não só do que deveria ser fotografado, quanto dos encenadores e dos intérpretes, seus estilos e maneirismos. Daí o valor de seus “instantâneos posados”.



Raul Cortez e Lígia Cortez em *Rei Lear*, de William Shakespeare. Direção: Ron Daniels, 2000.

Feitos na época para a publicidade e divulgação, hoje em dia, o que nos restou de suas fotos (algumas sequenciais) podem ser vistas como referências teatrais de uma época.

Está claro que com uma câmera podemos registrar qualquer coisa, de qualquer maneira, mas quando se tem um bom conhecimento daquilo que nos propomos a registrar de forma mais séria, a fotografia passa a adquirir sentidos mais amplos: conseguimos, pelas imagens captadas, contar uma história, passar uma emoção, possibilitar reflexões, aguçar o interesse de quem as vê. A imagem feita por um fotógrafo que está dentro do assunto (teatro) adquire muito mais força ao descrever o fato (espetáculo). É evidente que a fotografia não tem nenhuma pretensão de substituir o estar presente, mas é necessário que ela transmita às pessoas a vontade de estar lá, de presenciar, de tomar conhecimento, fazer parte daquela realidade, embora fictícia, dos espetáculos teatrais. Mesmo as fotos tiradas ainda na fase de pré-produção dos espetáculos, devem merecer a mesma atenção. Já tive a oportunidade de fotografar ensaios, com o espetáculo quase pronto em que o diretor, o iluminador, o sonoplasta, o maquiador, o cenógrafo e principalmente os atores ainda estão buscando o resultado final. Nessas horas de procura em que você se sente dentro do processo de criação acontecem grandes momentos teatrais e oportunidades de se conseguir ótimas imagens, sem contar o fato da intimidade que se estabelece, por sermos os únicos a registrar aquelas cenas. Fotografei ensaios de grandes atores, como Antônio Fagundes, Raul Cortez e Elias Andreato, onde só eu estava fotografando. Era como assistir a um espetáculo particular, para ser fotografado só por mim. Essa oportunidade, proporcionada pela fotografia é algo único e fascinante.

É importante, portanto, que nessas fotos anteriores às apresentações, o trabalho seja feito com todo cuidado, pois estamos criando a marca do espetáculo. Os atores devem contar com acessórios, pelo menos com parte dos figurinos e do cenário e com a presença fundamental do encenador/diretor. Quando as fotos são feitas

no palco e com a luz própria da cena, o resultado é excelente. Quando feitas em salas de ensaio, ou mesmo no estúdio do fotógrafo, cabe ao diretor do espetáculo auxiliar na montagem das cenas para termos o resultado mais próximo possível do que será no palco.

Penso que as fotos de divulgação são a primeira necessidade desse mercado. Todas as produções necessitam de publicidade, não importando o tamanho do orçamento. Espetáculos amadores ou estudantis não dispensam divulgação e a fotografia torna-se essencial nessa hora. Acho mesmo, pensando em nossa profissão, que esse momento na sala de ensaio ou no estúdio pode ser a porta de entrada para fotógrafos que queiram atuar nesse campo de trabalho da documentação de artes cênicas em geral.

Fotografar um ensaio é compartilhar de uma intimidade, é descobrir um segredo, é ver a noiva antes de todo mundo.

Os diferentes pontos de visão para se olhar um espetáculo

As fotos tomadas da primeira fila são um pouco mais difíceis. O desafio é maior, mas em compensação o resultado pode surpreender, pois, quando acertamos um bom momento do espetáculo e da interpretação do ator, as imagens conseguem trazer a emoção da cena. A objetiva nos coloca quase dentro do palco, contracenando com o ator. Hoje, depois de tantos anos de prática, acho que consigo assistir melhor a um espetáculo quando estou fotografando, e se estiver na primeira fila, emociono-me mais ainda. Nessa situação de proximidade e de intimidade disparo muito mais a câmera do que quando estou afastado. Os equipamentos digitais de hoje são de excelente qualidade e com os cartões de memória de grande capacidade, não tenho que me preocupar em controlar os cliques, como no tempo dos filmes em 35mm com 36 poses (muitas vezes o filme acabava em uma cena importante e com o tempo que se perdia na troca do filme, perdia-se a cena).

Por outro lado, se você se distancia do palco, irá conseguir uma visão de conjunto e do todo e isso o aproximará do que está acontecendo em cena. A distância ajuda essa aproximação. Afastado do palco registramos o cenário, o movimento entre os personagens, os claros-escuros da iluminação, a encenação desenhada pelo diretor. Tudo isso deve aparecer na foto de cena. Na verdade, os espetáculos não são criados para serem vistos de muito perto.

Nas coletivas de imprensa dos grandes musicais quando vários fotógrafos dos diferentes veículos de imprensa estão presentes para registrar uma cena que vai ser apresentada, afasto-me o mais que posso (às vezes já conheço aquela cena), a fim de tentar uma imagem diferente dos outros fotógrafos.

Procuro sempre ler o texto antes de fazer as fotos de um novo espetáculo, inteirando-me, assim do enredo e dos personagens. Essas informações ajudam na criação. Quando posso, acompanho a primeira leitura. É uma ótima oportunidade para conhecer toda a equipe. Acho muito importante esse conhecimento prévio para que se estabeleçam afinidades entre os atores e o fotógrafo, evitando

mais tarde, por ocasião das fotos, qualquer desconforto ou estranhamento.

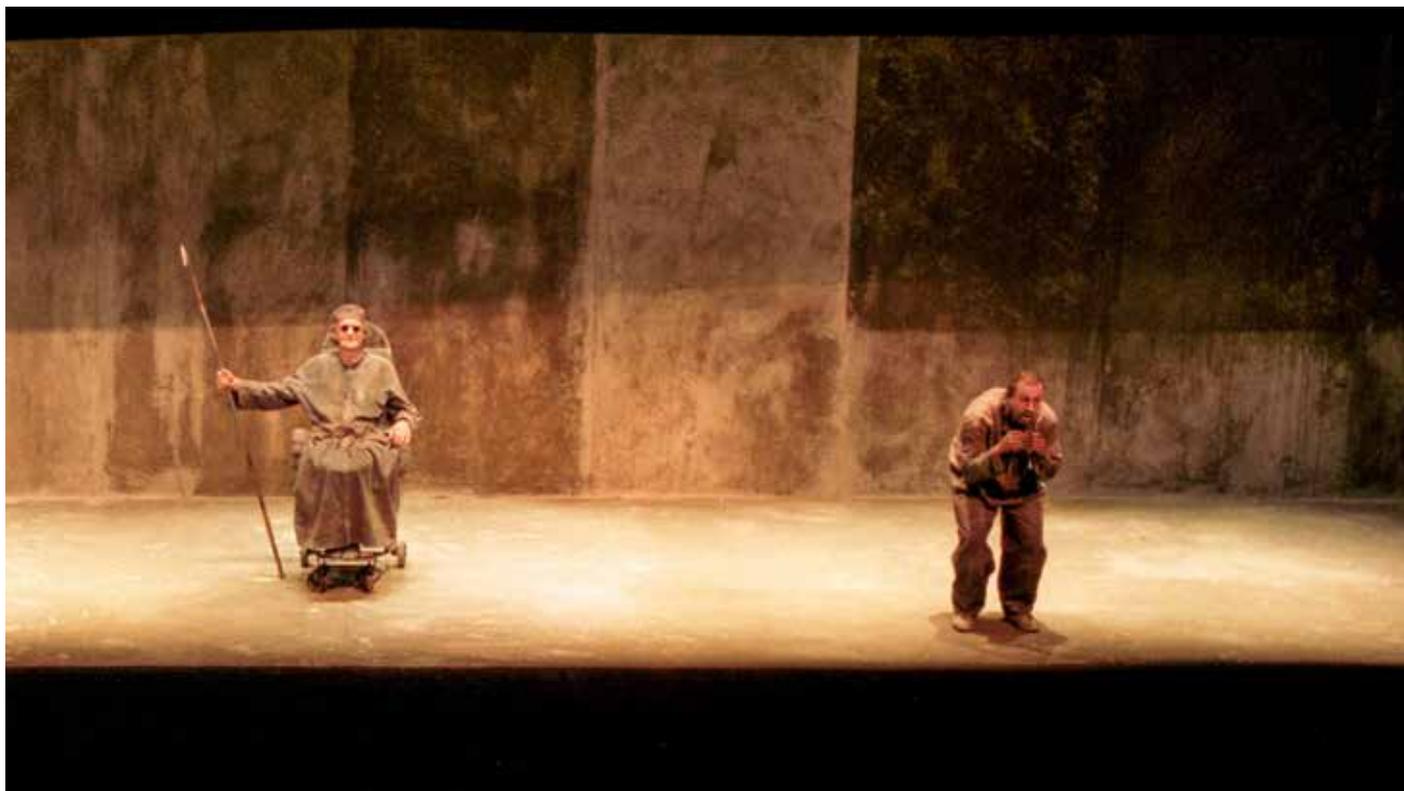
Em minha opinião o que falta a um fotógrafo não habituado ao teatro/palco é a paciência de esperar. Temos que esperar as cenas acontecerem, captar a emoção dos intérpretes, acompanhar a narrativa proposta pelo texto e pelo diretor-encenador. Costumo assistir ao espetáculo através da câmera, levando-me pela emoção, como se fosse qualquer um do público. Este momento supera o puramente estético e o puramente plástico.

Por mais que possa parecer contraditório, também tenho prazer de fotografar uma peça sem saber nada do que vai acontecer. As imagens feitas de surpresa às vezes saem muito boas e mesmo quando retorno ao teatro, para dar continuidade ao trabalho, não consigo um clique tão bom, quanto da primeira vez.

Repetição

A repetição, no dia a dia de um espetáculo, é uma ferramenta do teatro. Quanto mais representa-

Lineu Dias e Antônio Galleão em *Fim de jogo*, de Samuel Beckett. Direção: Rubens Rusche, 1997.



ções, melhor ele pode ficar. Quando assisto à mesma peça várias vezes observo um igual diferente, se assim posso dizer. O estado de ânimo dos atores pode variar a cada noite e também eu me sinto diferente. É a grande diferença em se assistir a uma peça e ver um filme. O cinema registra e congela no tempo aquela história. Ensaios e filmagens lembram os processos criativos do teatro, com a diferença de que tudo no cinema é fracionado e feito sem continuidade lógica. As melhores sequências são montadas depois, formando uma história única, que será repetida de maneira idêntica infinitas vezes e em diferentes lugares. O teatro é uma arte viva. Plateia e público mudam a cada noite. O imponderável pode acontecer. O que muda a cada sessão de cinema? – Apenas a plateia.

A repetição de cada apresentação do espetáculo ao vivo no teatro se incorpora ao processo de construção da cena e também é para o fotógrafo uma possibilidade de formação e amadurecimento. A repetição de um ato, de uma ação tem um efeito cumulativo que vai aumentando nosso repertório de imagens e aperfeiçoando nosso olhar. O desafio

de criar algo diferente no mesmo cenário é um estímulo constante e com a prática pode-se alcançar um refinamento nos resultados.

O período de uma peça em cartaz é relativamente curto e uma vez encerrada a temporada aquelas cenas nunca mais irão se repetir. Depois de algum tempo nossa lembrança vai ficando menor e pontual. As imagens vão sumindo da memória e ficamos com as sensações experimentadas no teatro: aquele espetáculo era incrível, aquela cena era fantástica, aquele ator deu show naquela noite, aquela atriz era linda!!!, etc. etc.

O desafio de conseguir uma foto de cena que remeta a essas sensações é grande e depois de um longo tempo na profissão (trinta anos), ao rever muitas de minhas fotos, procuro ver se tudo deu certo. Consigo, através delas, recordar determinado espetáculo? Trazem a mesma sensação que tive quando as fiz? Se consegui isso, acho que fiz uma boa foto de teatro, uma boa foto de cena.

Ensaio e o fazer diário são rotinas comuns entre teatro e fotografia. Graças a Deus minha vida de fotografar teatro é muito repetitiva !!!



Lineu Dias e Antônio Galleão em *Fim de jogo*, de Samuel Beckett. Direção: Rubens Rusche, 1997.



Marcelo Antony, José Rasa, Marco Antônio Pâmio e Rogério Brito em *Macbeth*, de William Shakespeare. Direção: Gabriel Villela, 2012.

Tudo se repete no teatro, sempre de maneira diferente, como já afirmei antes. Acho isso um ponto comum com a fotografia em geral. No livro *O instante contínuo – uma história particular da fotografia*, o autor Geoff Dyer analisa alguns fotografos americanos. Ao contrário do que dizia Henri Cartier Bresson, para quem o objetivo da fotografia é captar o “instante decisivo”, Dyer procura a continuidade, a repetição ao longo do tempo. Muitas vezes o mesmo fotógrafo faz a mesma foto/cena durante toda a sua vida em diferentes lugares e situações, ou então tem em comum o mesmo foco, a mesma atenção com determinado assunto. Eu e uma centena de colegas já fotografamos um banco de praça vazio ou com alguém de costas, sozinho, usando um chapéu. É uma cena que se repete e se fotografa sempre. A mesma cena sempre diferente, como resultado. E mais uma vez, volto ao teatro. Nos textos clássicos, regularmente encenados temos várias cenas famosas que temos obrigação de registrar. Depois de alguns anos nessa atividade, tenho registro do mesmo texto encenado por diferentes diretores e elencos. Revendo as imagens é possível perceber o quanto a criatividade e a

imaginação misturadas com o talento dos encenadores fazem aquela história conhecida reviver e se renovar continuamente. São os textos aclamados e geniais, os que mais desafiam quem ousa querer montá-los.

O teatro tem uma linguagem própria e cada encenador, iluminador, ator, atriz têm suas características e estilos. É a marca registrada de cada um destes profissionais criadores envolvidos. Essa autoria criativa se repete em diferentes espetáculos e como esses criadores/autores se misturam em diferentes produções, o processo criativo vai se completando e se renovando em cada espetáculo. Mas sempre uma renovação pessoal, íntima de cada um. Depois de um tempo acompanhando a cena paulistana, consigo identificar marcas, gestos, luzes, trilhas sonoras, interpretações, cenários, figurinos e maquiagem, com suas respectivas assinaturas.

Acho o termo assinatura muito apropriado, pois as autorias devem ser iguais, mas surpreendentes. Uma repetição autêntica.

O equipamento do fotógrafo é importante? Sim, pois ele pode facilitar o trabalho do fotógrafo e dar segurança e qualidade para se obter um resulta-



Macbeth, de William Shakespeare. Direção: Ulisses Cruz, 1992.

do profissional. Com as objetivas zoom que variam a distância focal sem necessidade de ficar trocando de lente, a vida do fotógrafo de palco ficou mais fácil e mais criativa. As objetivas zoom profissionais de hoje têm excelente qualidade e permitem uma documentação mais detalhada de um espetáculo. Numa única vez e sem mudar de lugar, pode-se de um único ponto de vista da plateia registrar o detalhe da interpretação e o todo da cena, tornando a documentação mais rica e completa. Esse tipo de lente nos aproxima e nos afasta do palco, na hora que quisermos. Assim mesmo, acho que mais importante do que o equipamento é gostar de teatro, conhecê-lo e frequentá-lo sempre.

Hoje tem teatro

Pessoalmente gosto de teatro e de fotografar. Fazer as duas coisas juntas é o ideal e o resultado aparece nas imagens que faço. O teatro está sempre presente em minha rotina profissional. Nos últimos anos tenho fotografado quase que exclusivamente o tema teatro e tudo que esteja ligado

a essa atividade artística: fotos para divulgação e programas, *flyers* eletrônicos, ilustrações para livros ou revistas, documentação de espetáculos, alunos de teatro, escolas, teatro como recurso terapêutico, leituras, debates, salas de espetáculo, sites e *books* de atores. Além de teatro, fotografo dança, música clássica, óperas, circo, cantores, cantoras e músicos. Enfim, a tudo o que acontece numa sala de espetáculos ou fora dela, que tenha um foco de luz, eu costumo apontar minha câmera/olhos.

Não existe nenhum preparo muito especial, quando vou ao teatro. Não sinto, nem tensão, nem ansiedade. É bem diferente da sensação quando a pauta que tenho que fotografar não acontece num palco. Quando tenho que fotografar no teatro, faço o seguinte: antes de sair, perto das 19 horas, preparo meu equipamento, com as câmeras todas digitais. As providências são simples: carregar as baterias, limpar os cartões de memória, conferir os ajustes da câmara, limpar as lentes, carregar a mochila com os equipamentos, o abafador de ruídos e o monopé.

Emidio Luisi, o mestre da fotografia de espetáculos diz: "Seja fotógrafo de espetáculo, seja



Elisa Ohtake em *Falso Espetáculo*. Criação e direção: Elisa Ohtake, 2009.



Amanda Acosta em *O gato malhado e a andorinha Sinhá*, de Jorge Amado. Direção: Vladimir Capella, 2003.



Mariana Ximenes em *As altruistas*, de Nicky Silver. Direção: Guilherme Weber, 2011.



Eva Wilma em *Primeira pessoa*, de Edla Van Steen. Direção: William Pereira, 2004, 2005.



Antônio Petrin em *Hamlet*, de William Shakespeare. Direção: Ron Daniels, 2012.

invisível”. Por isso, além de ser discreto, usar roupas pretas, é necessário não se deslocar na plateia durante uma apresentação. O abafador é um acessório importante para fotografar teatro durante uma apresentação. Esse acessório me foi apresentado por Gal Oppido, parceiro e fotógrafo de palco também. Ele conseguiu um abafador com um fotógrafo francês que trabalhava na Ópera de Paris. Era uma grande almofada preta de penas de ganso com duas aberturas, de um lado a abertura maior para a objetiva e do outro um furo, para o visor da câmera que ficava no meio dessa almofada. Numa abertura lateral enfiamos a mão direita. É, na verdade, um acessório artesanal e bastante incômodo para se usar, mas que ajuda muito a reduzir o ruído da câmera. O Gal me emprestou várias vezes, até que uma costureira de teatro fez uma “cópia” para mim, e hoje uso-o habitualmente, inclusive em ensaios gerais de peças mais delicadas e monólogos. No caso de ensaios sem público, o ruído é tolerado, pois o elenco e todos no teatro estão cientes da presença do fotógrafo. Lembro-me de que, antes de usar o abafador para fotografar um concerto, ópera ou dança no Teatro Municipal, eu ficava atrás da cortina da porta de acesso à plateia e apenas a frente da objetiva ficava para dentro da sala de espetáculo.

Hoje em dia, algumas câmeras profissionais como a Canon EOS 5D Mark III e a Canon 6D têm um modo silencioso que reduz bastante o ruído do clique e, em espetáculos musicais e nas cenas mais ruidosas, não se percebe a presença da câmera. Outra providência obrigatória para se fotografar durante uma apresentação com o público é desligar todos os sinais luminosos da câmera e nunca rever ou conferir se a foto ficou boa, pois a luz do visor atrapalha e distrai a plateia. Aos novos fotógrafos, que só conhecem as câmeras digitais, peço que se imaginem fotografando com filme quando estiverem num teatro. Depois de o espetáculo acabar levem as fotos para o computador e “revelem o filme”.

Gosto de chegar ao teatro com antecedência para preparar o equipamento e ver o local em que vou ficar. Nem sempre tenho um lugar marcado e, então, conforme a configuração da sala,

opto pelo corredor central ou procuro as laterais. Normalmente vou mais de uma vez ao mesmo espetáculo, pois além de conhecê-lo melhor, mudo o ponto de vista das fotos. É muito recomendável fotografar o ensaio geral, principalmente se não houver outras oportunidades de retornar àquela peça. No ensaio posso me deslocar durante a apresentação e explorar mais detalhes do espetáculo. Posso ficar no meio da plateia, nas filas H, I ou J, que são sempre estratégicas e de ótima visão nos teatros de palco italiano.

Muitas vezes, nos ensaios gerais, a produção me informa que o melhor não é fotografar naquele dia, pois ainda faltam detalhes e as coisas estão inacabadas, mas insisto e digo que também eu, preciso de ensaios e ensaiar muito, principalmente em espetáculos de dança. Nesses ensaios tomo conhecimento do espetáculo, das mudanças de cena, da coreografia e dos tempos das cenas. Tudo isso me ajuda muito no dia das fotos definitivas, apesar de que a cada foto feita sempre vamos ter um registro, um momento histórico daquele processo de criação, sempre vai valer ter aquele registro.

Nunca me senti invadindo o espaço do teatro, como um ser estranho ao meio. Em outros tipos de trabalho isso já aconteceu. A câmera, às vezes é invasiva, quase agressiva. Hoje em dia acho profundamente agressivo esse público que tem a mania de registrar tudo com suas câmeras e celulares, sem motivo, sem sentido, sem intenção. Registram por registrar. Querem se apoderar daquela cena, daquele artista, daquela música e enquanto estão fazendo isso perdem o momento de sentir o que estão vendo e ouvindo.

O fotógrafo também faz isso num primeiro momento. Guardamos aquele momento só para nós, nos apoderamos daquilo. O ato de clicar é egoísta, é meu e de mais ninguém. Só eu vi aquilo, só eu tenho aquela foto. Essa é a sensação imediata, após o clique. Depois, na edição, voltamos-nos em direção ao caminho que aquelas imagens devem seguir, seja ele qual for.

Hoje tenho um espetáculo para ser fotografado e espero que, quando você estiver lendo este

texto, isso realmente esteja acontecendo, pois o que mais gosto de fazer é fotografar espetáculos de teatro, dança, ou música. Mas o teatro é o meu preferido. Para mim, fotografar teatro é simples e normal. Algo que faço com muita naturalidade e sem pensar muito, confesso. A sensação que tenho quando vou a um teatro é a mesma que voltar para casa. Sinto que pertenço àquele lugar. Sinto-me à vontade. É uma coisa natural para mim.

A oportunidade de escrever sobre isto também é uma forma de sair da solidão que é o ato de fotografar e poder partilhar uma experiência com quem agora está se interessando pelo tema.

Não sei escrever como um escritor escreveria. Sei fotografar, sou fotógrafo, mas acho que todo processo de produção artística é muito pessoal até o resultado ser publicado, impresso, encenado ou exibido. Depois dessa etapa, não nos pertence mais. Segue seu caminho.

Referências

- LIMA, Mariângela Alves de. *Imagens do teatro paulista*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Centro Cultural São Paulo, 1985, 288 p.
- LUIZI, Emídio. *Fotografia de espetáculo*. 2 ed. São Paulo: Photos, 2013, 160 p.
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 223 p.
- DYER, Geoff. *O instante contínuo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, 293 p.